

PIBID: IDENTIDADE E DIFERENÇA NO CONTEXTO DO RIO 450 ANOS

PIBID: IDENTITY AND DIFFERENCE IN THE CONTEXT OF RIO 450 YEARS

Diana Jane Barbosa da Silva,
Cinthia Monteiro de Araújo¹

Resumo: O presente trabalho é relato da experiência de bolsista do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação a Docência (PIBID) de História da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) durante o ano de 2015. As atividades nesse ano foram baseadas no tema Rio 450 anos a partir do eixo Identidade e Diferença. Este texto destaca três oficinas pedagógicas realizadas com estudantes do Colégio Estadual Antônio Prado Jr.

Palavras-chave: Pibid ; ensino de História, identidade e diferença.

Abstract: This paper reports about an experience to Programa Institucional de Bolsas de Iniciação a Docência (PIBID) of History at Federal University of Rio de Janeiro (UFRJ) during the year 2015. These activities in this year are based on the theme Rio 450 years on concepts of Identity and Difference. This text highlights three educational workshop performed with students of state high school Colégio Estadual Antônio Prado Jr.

Keywords: Pibid; teaching History; identity and difference.

O aniversário de 450 anos do Rio de Janeiro em 2015 foi um acontecimento que gerou uma grande mobilização, tanto no que se refere às comemorações oficiais que estimularem diferentes ações, inclusive nas escolas; quanto às reflexões mais críticas promovidas por diferentes grupos e movimentos sociais. Nesse ano o subprojeto Pibid História da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) decidiu trabalhar com o tema a partir do eixo norteador Identidades e Diferenças. Dentre as diversas atividades realizadas neste contexto,

¹ Diana Jane Barbosa da Silva, graduanda em licenciatura e bacharelado em História pela UFRJ e bolsista de iniciação a docência do subprojeto Pibid História UFRJ. Orientadora do trabalho: Cinthia Monteiro de Araújo, doutora em Educação pela PUC-Rio, professora adjunta da Faculdade de Educação da UFRJ e coordenadora de área do subprojeto Pibid-História-UFRJ.

dou destaque aqui a três delas, na quais me envolvi mais diretamente como bolsista atuando no Colégio Estadual Antônio Prado Junior.

Logo no início do ano, soubemos por meio da nossa supervisora que alguns professores, com apoio da direção do colégio, organizaram uma atividade sobre os 450 anos do Rio de Janeiro que tinha por objetivo trabalhar com músicas que representassem a cidade e seus moradores. O gênero musical escolhido foi a Bossa Nova, entendido como exemplo da identidade carioca. Sendo assim, a maior parte dos estudantes manifestava certo desconforto em participar cantando as canções selecionadas pelos professores para o evento. Já encerrada a atividade, aproveitando a distração dos professores, um estudante apropriou-se do equipamento de som e fez toda comunidade escolar ouvir um *funk* - “Eu só quero ser feliz” de Cidinho e Doca – por alguns poucos segundos, pois foi rapidamente reprimido pelos docentes. Num primeiro momento, a intenção do estudante pode parecer apenas uma provocação bem humorada naquela atividade marcada por certa solenidade. No entanto, sob nosso olhar, aquela atitude revela uma manifestação clara de não reconhecimento do gênero musical privilegiado pelos professores. A partir desse acontecimento, o subprojeto decidiu explorar o tema das identidades e diferenças a partir de oficinas pedagógicas sobre música. A ideia era explorar diferentes gêneros musicais no sentido de provocar a reflexão sobre relações de reconhecimento e não reconhecimento do “ser carioca” através das músicas. O projeto recebeu o título de “A procura da batida perfeita” e a primeira oficina deu especial atenção ao *funk*. O principal objetivo desta oficina seria problematizar as letras das músicas percebendo questões do cotidiano, a fim de discutir estereótipos sobre o gênero e sobre as representações que ele constrói.

Adriana Facina² e Adriana Lopes³ foram as pesquisadoras que nos serviram como aporte teórico. Os textos de Facina nos ajudaram a entender o que estava como contexto social de uma juventude preta e pobre que se identificava com o ritmo. E nesse contexto estava a periferia da cidade do Rio de Janeiro que é criminalizada, e tinha o baile *funk* e a conexão com o comércio de drogas como motivos levantados para ser reprimida pelo Estado. A autora nos deu base para a própria discussão da História do *funk* carioca, e seu percurso a partir da década de 1970, como uma mistura norteamericana e afrodescendente. No livro de

² FACINA, Adriana. “Não me bate doutor” : Funk e a criminalização da pobreza. Rio de Janeiro: texto apresentado no V ENECULT , março de 2009. Disponível em : <http://www.cult.ufba.br/enecult2009/19190.pdf> Acesso em 8/2015 e FACINA, Adriana. “Eu só quero é ser feliz”: quem é a juventude funkeira no Rio de Janeiro? . Revista EPOS. Rio de Janeiro. Vol 1 nº: 2. Outubro de 2010. Disponível em : <http://revistaepos.org/?p=218> Acesso em 8/2015

³ LOPES, Adriana. “Funk-se quem quiser” no batidão negro da cidade carioca. Rio de Janeiro: Bom Texto, 2011.

Adriana Lopes, ela traz uma longa pesquisa sobre o lugar do *funk* na sociedade carioca, e o que pode ser discutido com suas letras, além de uma análise que a autora faz sobre os bairros e suas identidades.

. O planejamento da oficina previa as seguintes etapas: Uma música seria tocada no recreio para uma primeira sensibilização das letras, e para observar a reação da comunidade escolar sobre o ritmo. Depois disso uma das turmas da nossa supervisora seria levada para o auditório e iniciariamos a discussão sobre o que acharam da música no recreio. Na sequência passaríamos trechos do documentário “Sou feia mas tô na moda”(produzido em 2005, dirigido por Denise Garcia). E em seguida, faríamos uma atividade em grupos com a distribuição de cartões, o que estava escrito em cada cartão mudou em cada turma, falaremos sobre isso mais adiante.

Os dias que antecederam a atividade foram marcados por muitas reuniões de planejamento e revisão de todos os detalhes, e, decidimos fazer um teste de som com os aparelhos da escola. Falando com funcionários, descobrimos que havia um aparelho de rádio que era usado como sinaleira (responsável pelo sinal que marcava os tempos da rotina diárias das turmas), e que o mesmo poderia ser usado para realizar a atividade, no lugar de levarmos as nossas próprias caixas de som. Resolvemos testar o equipamento e aconteceu um incidente que nos fez refletir sobre o papel da escola e seu espaço. Ao colocarmos um *pendrive* no aparelho de som, uma música automaticamente começou a tocar, era o “Rap do Salgueiro” de Claudinho e Bochecha. Imediatamente professores, alunos, direção e demais funcionários da escola vieram para o pátio perto de onde estávamos, inclusive o segurança, na época um policial militar. A atitude preocupada e surpresa dos docentes e, especialmente, a reação do segurança nos indicou o sentido marginal e desviante que aquele tipo de música assumia naquele espaço. Tiramos a música e explicamos que a mesma fazia parte de um teste para uma das atividades previstas para o Pibid, já informadas anteriormente à direção. Alguns alunos vieram perguntar sobre a atividade e nos alertaram o quanto “perigosa” ela poderia ser. Um deles chegou a dizer que “daqui a pouco eles vão querer acabar com os muros da escola”. Essa afirmação nos remeteu ao texto de Juarez Dayrell “A escola como espaço sócio-cultural”⁴ “Os muros demarcam claramente a passagem entre duas realidades: o mundo da rua e o mundo da escola, como que a tentar separar algo que insiste em se aproximar.”⁵ E assim

⁴ DAYRELL, Juarez. A escola como espaço sócio-cultural. In: DAYRELL, Juarez (Org.). Múltiplos olhares sobre educação e cultura. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1996.

⁵ *Idem* p.147

como percebemos na fala do estudante e também na reação dos funcionários da escola: “ A escola tenta se fechar em seu mundo próprio, com suas regras ritmos e tempos”⁶.

Nesse contexto, recebemos a visita em uma das reuniões de planejamento da pesquisadora Adriana Facina, e o grupo teve uma significativa discussão sobre a História do *funk*, sobre a escola e uso de fontes musicais. Falamos sobre as possibilidades de relacionar o *funk* com o cotidiano da favela, a violência, o baile, aproveitando a experiência dos estudantes que morassem nesses locais.

Após mostrar o plano de aula da oficina à direção e explicarmos mais detalhadamente o que pretendíamos, tivemos que especificar que trabalharíamos com o *funk* dos anos 90, pois percebemos que havia um aparente preconceito pelo *funk* atual. Finalmente depois de alguns dias foi autorizado usar a sinaleira e executar nossa oficina integralmente. No primeiro dia (16 de junho de 2015), a música no recreio foi recebida de forma muito animada pelos estudantes do turno vespertino, houve dança, cantoria, trezinho, beijos, abraços, pulos e muita agitação pelos estudantes. Subimos com uma das turmas e fizemos o que planejamos. Mas a turma não pareceu reagir muito ao que propomos, não houve a discussão que esperávamos ter, muitos viam com resistência a concepção de o *funk* ser considerado cultura. Prevendo essa indagação levamos a informação da lei 5543 de 2009 que reconhece o *funk* como movimento cultural popular.⁷ Por conta da recepção desses estudantes, mudamos um pouco o roteiro da oficina. Originalmente a divisão dos grupos era feita com as letras das músicas (*funk* dos anos 90 em sua maioria), mas nas outras experiências decidimos usar frases provocadoras, como por exemplo: “*Funk* é cultura?” “Qual o lugar da mulher no funk?”. Ficou decidido que começaríamos com uma pequena dinâmica de apresentação, estando todos em pé, e permaneceríamos em roda, tentando falar menos e estimular mais o debate entre eles.

No turno da manhã no dia seguinte (dia 17 de junho de 2015) a música na hora do intervalo teve uma recepção bem diferente. Alguns dançaram mais tímidos, outros cantaram, outros ignoraram, em comparação com o turno da tarde eles não foram tão animados. Quando subimos com uma das turmas para o auditório fizemos uma dinâmica em círculo, com cada estudante se apresentando individualmente para o outro colega do seu lado e assim sucessivamente até todos se apresentarem. A nossa organização em círculo fez o debate ocorrer de forma mais espontânea, e todos participaram ativamente.

⁶ *Ibidem*.

⁷ BRASIL. Lei 5543, de 22 de setembro de 2009. Disponível em : <http://alerjln1.alerj.rj.gov.br/contlei.nsf/f25571cac4a61011032564fe0052c89c/78ae3b67ef30f23a8325763a00621702?OpenDocument> acesso em 6/2016

Esta atividade gerou duas comunicações na Jornada de Formação docente da UFRJ que aconteceu nos dias 29 e 30 de setembro e dia 1 de outubro do mesmo ano, a qual eu fiz parte foi a apresentação de banner: “ ‘A procura da batida perfeita’: Uma oficina sobre música e História: O uso do *funk* na sala de aula e uma experiência de identidade e diferença”(por Raissa Brito, Carolina Ferreira, Clarissa Godoy e as autoras desse artigo) a outra foi uma apresentação oral sobre os resultados desse mesmo trabalho: “ ‘ A procura da batida perfeita’ : o tema diversidade no ambiente escolar” (por Carlos Nóbrega, João Pfaltzgraff, Luciana Santana, Natália Mello e os coordenadores) com outra parte do nosso grupo.

O difícil cenário de cortes de verbas e bolsas vivido pelo PIBID, especialmente a partir do segundo semestre de 2015, não permitiu que déssemos continuidade ao projeto “A procura da batida perfeita”. Na tentativa de ainda articular o tema do Rio de Janeiro com o eixo Identidade e Diferenças, organizamos mais duas oficinas no final do ano, uma sobre questões sociais e políticas, e outra sobre consciência negra, realizadas também no Colégio Antônio Prado Junior.

Por conta de substituições de supervisoras e o contexto de greve na UFRJ, cortes na educação, demoramos a retomar nossas ações. Com isso, a oficina denominada “Espelho social” foi realizada dia 5 de novembro de 2015. A ideia partiu de nossa nova supervisora Daniela Couto, pela demanda dos seus alunos para um debate sobre gênero, família e política. Fomos instigados também pelas discussões nas mídias, na *internet*, nos meios de comunicação e no cotidiano, e resolvemos adaptar outra oficina que havia sido produzida pelo subprojeto de História no ano de 2014 (oficina de política que partia das técnicas de teatro imagem, do teatro do oprimido de Augusto Boal⁸) para tratar sobre o tema. O planejamento se deu em algumas reuniões para decidir detalhes como os conceitos que iríamos utilizar, que ficou sendo Família, Escola, Trabalho, Estado, Transporte e Moradia.

O planejamento ficou organizada nas seguintes etapas: Primeiro momento - a apresentação do grupo de bolsistas do Pibid, em conjunto com a apresentação em círculo dos estudantes. Segundo momento - os discentes são orientados para formar grupos. Cada grupo recebe um dos temas: Família, Escola, Trabalho, Estado, Transporte e Moradia, para então atuar em “imagens paradas” que representem esses conceitos. Outros grupos tentariam adivinhar qual a cena representada, e quando isso acontecer opinar no que poderia ser mudado, e assim mudar as cenas. Tudo isso aconteceria com discussão e debate sobre as suas visões de

⁸ Ver: BOAL, Augusto. Teatro do oprimido e outras poéticas políticas. 6^a Ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1991.

cada conceito apresentado, para a reflexão de estereótipos que existem na nossa sociedade. Terceiro momento - seria uma síntese do que foi desenvolvido e a avaliação da atividade.

A atividade foi realizada em duas turmas no mesmo dia, e foi possível observar que a oficina se constituiu como um espaço de muita reflexão e debate. O primeiro momento de apresentação se tornou muito importante pois gerou aproximação entre os participantes da oficina.. Na imagem sobre família, muitas formações distintas apareceram: pais, mães, filhos, tios, avós, animais de estimação, muitas combinações que mudavam a cada decisão dos grupos. Aproveitamos para discutir o lugar da mulher na família e a própria definição de família. Na imagem parada de Escola, o papel do professor como aquele que está em pé e os alunos sentados foi colocado em debate. A organização das cadeiras, o professor de costas escrevendo no quadro foram situações que fizeram parte do imaginário de uma sala de aula, o que foi criticado e pensado pelos próprios estudantes. Sobre o Estado percebemos que muitos dos estudantes tinham percepções diferentes sobre os poderes legislativo, judiciário e executivo, considerando mais o poder executivo nas suas representações. Na imagem parada sobre transporte, vieram questões do transporte público ser cobrado, e que seria o ideal um transporte gratuito, um ônibus sem roleta, todos os passageiros sentados. Nesse instante muitos estudantes falaram da discriminação que muitos sentem por estarem com a blusa de um colégio estadual: os motoristas não param ou tratam de forma mal educada, o oposto seria o tratamento de um jovem com uniforme de escola particular. Foi colocado em discussão também a existência de um uniforme e porque a necessidade de utiliza-lo, e alguns levantaram a hipótese sobre como seria não haver um uniforme. Já na imagem sobre Moradia poucas questões foram levantadas, e percebemos uma dificuldade para fazer uma representação da mesma, o que nos levou a retirada desse tema na experiência com a turma seguinte... Na análise das avaliações, destaca-se que tivemos muitas reações positivas sobre o que trabalhamos.

A oficina “Consciência negra” foi realizada no dia 19 de novembro, véspera do feriado de Zumbi dos Palmares e dia Nacional da Consciência Negra, e tinha como principal objetivo promover um debate sobre o tema para problematizar questões raciais no Brasil e discutir estereótipos a partir da ideia de diferença. O roteiro da atividade consistia : 1º momento, apresentar o grupo de bolsistas, com apresentação dos estudantes dizendo, nome idade, e qual a sua cor. O segundo momento subdividia-se em algumas etapas: vimos uma charge animada do cartunista Mauricio Ricardo intitulada “Democracia Racial?”⁹, em seguida lemos em

⁹ Disponível em : <http://charges.uol.com.br/2015/09/25/democracia-racial/> acesso em 6/2016

conjunto um texto “Quando tirei minha negritude do armário”¹⁰. Logo, dividimos os discentes em pequenos grupos para discutir algumas perguntas: Você já sofreu algum tipo de racismo? Qual é a sua opinião sobre as cotas? Quais as piadas ou frases racistas você já ouviu? A escola contribui no combate ao racismo?

Quando a oficina estava prestes a começar soubemos que havia um evento que ia acontecer no intervalo e nos últimos tempos de aula: um desfile dos alunos negros para escolha da “beleza negra”. Portanto por causa do evento, resolvemos fazer a oficina somente em uma turma, uma vez que o evento, que também dialogava com o nosso tema, coincidiria com o horário previsto para a segunda turma. O debate foi rico, principalmente na etapa das perguntas. A primeira pergunta “Você já sofreu algum tipo de racismo?” teve respostas variadas, que dialogou com a pergunta “Quais as piadas ou frases racistas você já ouviu?”. Apesar de muitos afirmarem “não, nunca sofri racismo” quando problematizamos situações específicas, como por exemplo, “e no ônibus?”, então alguns começaram a narrar situações de motoristas que ignoram estudantes negros da escola pública, de seguranças de lojas que os seguiam. Na segunda pergunta “Qual é a sua opinião sobre as cotas?”, a maioria pareceu a favor, não houve contestação quanto a importância das cotas. A professora supervisora aproveitou para explicar como funcionava o Sisu e como as Universidades faziam para a seleção das cotas, um aluno de escola pública, por exemplo, competiria com outro aluno de escola pública. Para a pergunta: “Quais as piadas ou frases racistas você já ouviu?” tivemos mais discussão. Surgiu a seguinte ponderação: “depende, se eu for amigo da pessoa, ela pode levar na brincadeira também”, o que reflete certa flexibilização da questão de acordo com a intimidade entre os envolvidos. Contudo, havia uma das alunas que os colegas faziam brincadeiras racistas, e ela não tinha percebido o quanto a situação era preconceituosa até a nossa oficina, quando colocamos a situação em debate. Para a pergunta “A escola contribui no combate ao racismo?” a resposta que mais ouvimos era que poucas iniciativas eram feitas, se acontecia algo partia dos alunos e não da escola.

A experiência do Pibid no ano de 2015 enriqueceu a minha formação da docência, por modificar minha concepção sobre metodologia de ensino ao experimentarmos diferentes oficinas pedagógicas para o ensino de História, verificando que outras formas de dar aula são possíveis. Experimentar essas possibilidades é pensar na prática docente num caminho mais amplo. As situações de aprendizado tanto para os supervisores, coordenadores, bolsistas e os discentes das escolas parceiras foram significativas, esse ano produzimos reflexões sobre

¹⁰ Disponível em: <https://medium.com/i-m-h-o/quando-tirei-minha-negritude-do-armario-1000a1f141bb#.reu1wd2ah> acesso em 6/2016

diferenças e identidades a partir da mobilização de diversas concepções de gênero musical, política, sociedade, além de problematizarmos questões raciais. Espero que as nossas, ações e iniciativas sirvam para ampliar o diálogo Universidade e Escola, a partir do entendimento de que ambos espaços são construtores de saberes e que a articulação entre eles é fundamental. E, dessa forma, esperamos que o PIBID como programa institucional exerça seu papel.